

PERCursos

O KASPERLTHEATER EM SANTA CATARINA - CONEXÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE

Willian Sieverdt¹

Eu sou de Rio do Sul (SC) e confesso que senti uma inveja boa (se é que existe) quando soube que em outra cidade catarinense, Jaraguá do Sul, havia uma bonequeira que apresentava espetáculos de teatro de boneco popular alemão, o Kasperltheater, já na metade do século passado. Eu buscava alguma ligação entre minha profissão de artista de teatro de bonecos e a história de minha cidade. Além disso, sempre lamentei que em Santa Catarina não havia Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau ou João Redondo. O teatro de bonecos popular de luva, como aqueles tão populares no Nordeste do Brasil, era algo distante, milhares de quilômetros.

A bonequeira em questão era a Dona Móin-Móin, como era carinhosamente conhecida Margarethe Schlünzen (1900-1973), imigrante alemã que por 16 anos encantou, de forma bastante profissional, crianças e adultos de Jaraguá do Sul. Conheci essa história em 2003, na 3ª edição do Festival de Formas Animadas de Jaraguá do Sul, quando fui apresentado ao “Ursinho Envergonhado”, único boneco remanescente do “elenco” da Móin-Móin, uma verdadeira preciosidade que estava sendo carregado no desfile dos bonecos pelo centro da cidade. A atriz e bonequeira Mery Petty já deixava claro, naquela ocasião, o compromisso de recuperar essa história e trazer o Kasperl à vida, animá-lo novamente.

Naquele mesmo ano estive no Festival Mondial des Théâtres de Marionnettes, em Charleville-Mézières - França, e encontrei um livro de Gustav Resatz, *Kasperl-Geheimnisse* (1943) com informações práticas sobre o teatro do Kasperl e resolvi trazer de presente para a Mery Petty. O livro foi útil e serviu para a montagem, anos depois, do espetáculo *Tem Xente Uma Feiz*, da Cia Alma Livre, de Jaraguá do Sul. Foi quando o Kasperl voltou à vida em SC, meio século depois de adormecer, e eu estava feliz por fazer parte disso, mesmo que minimamente. Não foi surpresa quando, mais tarde, Klaus Schlünzen, filho da Móin-Móin, disse que aquele livro era, provavelmente, o mesmo livro usado pela mãe como referência para o seu trabalho.¹

Outras histórias

Logo depois conheci outra história parecida: também em meados do século passado o Sr. Hildor Edgar Emmel, (1922-1966) falecido precocemente com 43 anos, realizava com maestria apresentações de Kasperltheater, tanto para crianças nos jardins de infância, quanto nas festas da Comunidade Luterana, na cidade de Pomerode (SC).

Algumas características aproximam muito essas histórias do Kasperltheater de Jaraguá do Sul e Pomerode, que foram contemporâneas, mas desconhecidas entre si: o profissionalismo, a relação estreita com a comunidade luterana,

¹ Ator, bonequeiro, diretor teatral. Fundador da Trip Teatro. Vive em Rio do Sul-SC. Email: tripteatro@gmail.com

com a educação, e a forte influência da companhia alemã Das Hohnsteiner. Conforme Manfred Wegner:

Fundada em 1921 por Max Jacob, Das Hohnsteiner (até 1928 era nomeada Das Hartensteiner) tornou-se uma das mais renomadas companhias de teatro de bonecos na Alemanha, inspirando um grande número de artistas dos "bonecos de luva" (2009, p. 381).

E com razão, a influência era tanta que o Sr. Hildor Emmel encomendou uma coleção de bonecos (16 cabeças entalhadas em madeira) diretamente da oficina dos Hohnsteiner, na Alemanha. Também soube, através do artigo *O Hohnsteinerkasper em Pomerode SC* escrito pela professora da UFSC, Ina Emmel, publicado na Revista *Móin-Móin* nº 3 que

Bonecos Hohnsteiner. Coleção Família Emmel. Foto: Tatiane Mileide Danna.





Exposição de bonecos no Encontro Kasperl (2007). Foto: Tatiane Mileide Danna.

o famoso grupo alemão havia se apresentado no Teatro Carlos Gomes, em Blumenau, no ano de 1958.

Cada vez mais, elementos confirmavam a presença do teatro de bonecos popular Kasperltheater, aqui Santa Catarina, praticado por imigrantes alemães.

Em 2007, quis fazer uma conexão entre a minha cidade e o Kasperl. Creio que pelas minhas origens

germânicas bem como pela forte presença de imigração alemã em Rio do Sul, o Kasperl poderia ser um elo entre minha cidade e minha profissão. Sabendo que, naquele ano, a terceira edição da Revista Móin-Móin reuniria estudos sobre o Teatro de Bonecos Popular Brasileiro, e que dois artigos da Revista tratavam do Kasperl em Santa Catarina, sobre as histórias deste teatro em Jaraguá do Sul

e Pomerode, solicitei aos editores, Valmor Níni Beltrame – UDESC e Gilmar Moretti – SCAR, que fizessem o lançamento da Revista em Rio do Sul, nas dependências do Ponto de Cultura Anima Bonecos, espaço cultural destinado ao teatro de animação mantido pela Trip Teatro e Nazareno Bonecos, que eu coordenava à época. O pedido foi prontamente aceito.

Poucas semanas antes do evento, tive um encontro casual com o Sr. Hans Adolf Spieweck (1932-2019), profundo conhecedor da história de Rio do Sul. Mostrei a ele uma Revista Móin-Móin (provavelmente a nº 2) que ocasionalmente tinha à mão. Qual foi minha surpresa quando ele, ao ver a foto e o nome da Móin-Móin, disse conhecê-la: o marido de Margareth, Ferdinand Schlünzen (1880-1954), era pastor da Igreja Evangélica Luterana de Jaraguá do Sul, amigo próximo do sogro do Sr. Hans, Pastor Hermann Stoer, da Igreja Evangélica Luterana de Rio do Sul. E mais, o Sr. Hans contou que ele também tinha uma relação muito próxima com o Kasperl!

Sugeri então aos editores da Revista Móin-Móin que além do lançamento da Revista em Rio do Sul, promovêssemos juntamente um *Encontro Kasperl*, reunindo as três histórias do Kasperl em Santa Catarina que eu conhecia até então.

Encontro Kasperl

A noite do lançamento, realizada no dia 29 de agosto de 2007, foi maravilhosa, com uma programação intensa. Contou com a exposição de três coleções de bonecos: a do Sr. Emmel, de Pomerode, com os bonecos adquiridos na Alemanha e utilizados por ele nas apresentações naquela cidade; a coleção de bonecos de Mery Petty produzida para o seu novo espetáculo *Tem Xente Uma Feiz*, confeccionados a partir das informações contidas no livro de Gustav Resatz; e ainda, uma coleção da família Spieweck, presente do sogro do Sr. Hans para os netos, com

bonecos da segunda metade do século XX. Ina Emmel, Mery Petty divertiram o público com suas histórias sobre o Kasperl em Pomerode e em Jaraguá do Sul.

Tocou-me profundamente a história ali descrita pelo Sr. Hans, mesmo não tendo ocorrida em solo catarinense. Ainda criança, seu pai, um diplomata a serviço do governo alemão, foi obrigado a deixar a região de Rio do Sul e partir com a família para a Alemanha, em função da II Guerra Mundial. Já no país europeu, na cidade de Reutlingen, durante os anos de conflito, a principal distração do pequeno Hans, com idade entre 10-13 anos, e seus amigos de escola e vizinhos, era as apresentações que eles realizavam conjuntamente utilizando bonecos do Kasperl, encontrados numa oficina do pai de um dos amigos. Foram muitas apresentações vistas e realizadas no local até que, em janeiro de 1945, um pesado bombardeio aliado destruiu parte da cidade. O pequeno Hans estava ao sul da cidade com a família, visitando os avós. Seus amigos não tiveram a mesma sorte, morreram pelo bombardeio que arrasou o bairro em que moravam. Os bonecos também foram destruídos. Décadas depois, naquela noite em Rio do Sul, a história emocionava a plateia interessada no Kasperltheatre.

Depois disso ainda fomos brindados com uma breve apresentação de Kasperl, pelo artista Ricardo Tessaro e família, utilizando os bonecos e estrutura de empanada originais da família Emmel.

O meu Kasperl

Esse encontro me deixou ainda mais motivado a montar um espetáculo de teatro de bonecos popular alemão. Em 2008 convidei o artesão e mamulengueiro Moisés Bento, de Brasília, para vir a Rio do Sul e construir réplicas dos bonecos de

Hohnsteiner, gentilmente emprestados pela família Emmel, no intuito de utilizá-los numa montagem.

Porém, à medida que ia pesquisando histórias do teatro Kasperl e suas origens, mais eu me interessava pelo período anterior ao século XX. O texto de Anke Meyer aguçou minha curiosidade:

No início do século XX o Kasperl se viu envolto em reformas educacionais e movimentos juvenis que o tornaram um teatro infantil, ele foi domado, a violência e a malandragem suprimidas, novos personagens surgiram: Avó, Gretel e Seppi. A partir daí o teatro do Kasperl passou a ser usado para fins morais e educacionais ou mesmo para fins de propaganda (2009, p. 403-404).

O Kasperl domesticado, sem irreverência e malandragem pouco me entusiasmava. Eu me sentia mais motivado pelo teatro de bonecos popular

alemão de um período anterior, o que derivava da Commedia Dell'Arte, aquele utilizado para contar a lenda do *Fausto* que encantou Goethe, o Kasperl derivado do Hans Wurst, anárquico, malicioso e violento. Gosto desse Kasperl "antigo" que parece mais conectado com o nosso teatro de mamulengo que sempre me encantou, influência de Mestres como Chico Simões, Chico de Daniel, Zé Lopes, Zé de Vina e outros.

Aqueles bonecos "lindos", com a estética própria dos Hohnsteiner, pareciam não encaixar nestes propósitos de explorar o entretenimento com crítica social, me pareciam mais propensos a certo tipo de educação.

Alguns anos se passaram, e eu mantinha o olhar atento a qualquer referência que aparecesse sobre esse teatro.

Bonecos originais da Alemanha do final do século XIX doados pelo Museu Casa de Los Títeres. Abizanda. Espanha. Foto: Willian Sieverdt.





Kasperl e a Cerveja do Papa (2019). Trip Teatro. Direção: Paco Parício. Foto: Tóia Oliveira.

A parceria com Paco Parício

Em 2017, estava decidido a fazer mais um grande esforço para criar um espetáculo. Com viagem marcada para apresentações em festivais na Europa, decidi que iria até a Alemanha buscar mais informações. Comentei os planos com o grande amigo e colaborador da Trip Teatro, Paco Parício, da companhia espanhola Los Titiriteros de Binéfar. Paco me estimulou e disse que eu poderia realizar a pesquisa em seu acervo particular. Aceitei a oferta e, chegando a sua casa, deparei-me com mais de 20 livros sobre o Kasperl, inúmeros cartazes, fotos,

desenhos, recortes de jornais, brinquedos. Parte deste acervo era original do século XIX e estava totalmente acessível para ser manuseado, copiado, fotografado e até mesmo emprestado. Depois de vários dias mergulhado neste material fui surpreendido por mais uma generosa oferta: Paco me disse para ir até o Museu Casa de los Títeres, espaço mantido pela companhia Los Titiriteros de Binéfar e escolher uma das cinco coleções de Kasperl do seu acervo para o meu novo espetáculo.

Voltei para o Brasil com todas as informações necessárias e uma coleção original de bonecos entalhados em madeira que pertenceram a uma

companhia profissional alemã do final do século XIX. Naquele mesmo ano o projeto de montagem do espetáculo foi contemplado no Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura.

No dia 27 de abril de 2019, 16 anos depois de conhecer o Ursinho Carinhoso, estreei em Rio do Sul, junto com o músico Rodrigo Fronza, *Kasperl e a Cerveja do Papa*, a nova produção da Trip Teatro. Para mim, Rio do Sul estava definitivamente conectada ao teatro de bonecos popular.

As histórias continuam

Esse relato poderia terminar aqui, mas outras surpresas surgiram por conta do Kasperl. Anos depois do Encontro Kasperl, recebi da Sra. Anegrete Odebrecht Schroeder, uma simpática senhora que esteve presente naquela noite, um boneco Kasperl muito antigo, que estava há décadas com a família. Descobri que o Kasperl estava presente em Rio do Sul há mais tempo do que eu imaginava.

Catálogos do Grupo Das Hohnsteiner. 1961. Foto: Willian Sieverdt.



No final de 2019, recebi do Sr. Hans Spieweck, através de seu filho Hans Alberto Spieweck, a doação da coleção de bonecos trazidos da Alemanha em meados do século XX. Fiquei emocionado com o gesto e assumi o compromisso de zelar por esse precioso material. Duas semanas depois o Sr. Spieweck, infelizmente, faleceu.

No final de maio de 2020, já durante a pandemia da COVID-19, recebi uma mensagem da Senhora Renate Odebrecht, autora do livro *Capítulos da História de Rio do Sul*, escrito junto com seu marido Rolf Odebrecht. Ela me doou uma coleção de bonecos do Kasperl, sendo parte esculpida em madeira (provavelmente bonecos centenários) e parte produzidas em papel machê pelo professor Theo Kleine (1917-1999), de Gramado (RS).

Além dos bonecos, a Sra. Renate enviou livros e diversos textos de Kasperltheater em alemão, alguns já traduzidos para o português. E entre os textos, alguns catálogos originais do Grupo Das Hohnsteiner, da década de 1960.

Um destes catálogos, em alemão, faz referência às turnês realizadas pelo Grupo em outros países. Destaco a de 1958, que percorreu vários países da América do Sul, entre eles o Brasil. Mas não havia a informação das cidades visitadas.

A alegria foi grande quando encontrei um novo catálogo, original. Em 1961 os Hohnsteiner realizaram uma segunda turnê pela América do Sul. De tanto serem perguntados, na Alemanha, sobre como tinha sido a viagem, resolveram publicar um diário, com detalhes, cuja cópia eu também recebi. Animado, fui passando as páginas até chegar ao Brasil. Lá estava Santa Catarina! Comecei a ler, com a ajuda de um tradutor digital e encontrei informações de apresentações em Blumenau e Brusque! Vi que as sessões de Brusque haviam sido canceladas por conta de uma enchente naquele ano. Em Blumenau, a situação já estava um pouco melhor, e ocorreram com sucesso. Foi

quando corri os olhos no texto e fiquei literalmente arrepiado: Das Hohnsteiner Puppentheater em Rio do Sul! No dia 15 de novembro (feriado) de 1961. Está assim escrito no Catálogo *Das Hohnsteiner em viagem de apresentações pela América do Sul – Um relatório de viagem para os amigos:*

Em Rio do Sul 500 pessoas compareceram às apresentações da tarde e da noite. O estacionamento do clube estava repleto de carroças, fuscas, jipes, ônibus e tratores. As pessoas vinham de até 60 km de distância para a apresentação dos convidados do teatro de bonecos da Alemanha (1961, p. 6).

Enquanto eu estava arrepiado com a descoberta, o Kasperl estava rindo alto. Com seu jeito jocoso, ele relembrava quantas vezes eu tive que dar para criar uma conexão entre o meu teatro de bonecos, a cultura alemã e minha cidade, sendo que este elo já existia há seis décadas.

REFERÊNCIAS

Catálogo: *Das Hohnsteiner Puppentheater Auf Gastspielreise in Südamerika – Ein Reisebericht Für Die Freundedes Hohnsteiner Puppenspiels.* Essen, 1961.

EMMEL, Ina. O Hohnsteinerkasper em Pomerode (SC). In *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas.* Jaraguá do Sul: SCAR/UEDESC, v.3, 2007.

MEYER, Anke; WEGNER, Manfred. *Encyclopédie Mondiale des Arts de la Marionette.* Montpellier: l'Entretemps & Unima, 2009.

PETTY, Mery. Móin-Móin, Margarethe. In *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas.* Jaraguá do Sul: SCAR/UEDESC, v.3, 2007.

SOBRE O DOLOROSO MARTÍRIO DE MESTRE ZÉ LOPES

Fernando Augusto Gonçalves Santos¹

Em Glória do Goitá teve lugar a tragédia que agora lhes conto em breves, curtas e lacrimosas linhas.

Primeiramente rogando que não sejam medievos como a igreja a negar os sacramentos.

Rogo-lhes também que não julguem, não condenem, não façam suposições intelectivas. Apenas chorem a morte de um dos maiores artistas brasileiros que dentre tantas artes por ele dominadas, trafegava também pelos amplos salões das artes dos bonecos.

Despediu-se tragicamente o grande Zé Lopes desistindo da vida dolorosa que permeava sua existência. Sem apoio, sem estímulos, sem recursos, preferiu, para desgraça nossa, partir pela vida na busca de brinquedos mais etéreos bem mais perto das crianças que habitam os céus.

Assim com uma coragem grega corta os seus liames terrenos na busca de um parnaso mais generoso que não lhe oferecesse o fel que desde criança bebera.

Mestre Zé Lopes não era apenas um mamulengueiro. Era um artista multifacetado. Era mas que tudo isso. Estamos tratando de um inventor consumado. Um artista do povo que sonhava com infinito.

A terra foi ficando de uma pequenez insuportável, o Brasil cada vez mais limando seus artistas. Glória do Goitá um universo mesquinho que lhe consumia.

A generosidade cultural cada vez mais maldita. Ele andava em círculos pelo pátio da feira e se sentia cada vez mais triste e abandonado.

Contando com meu parco apoio e dando lugar aos seus sonhos, estávamos construindo um pequeno teatro em frente a sua humilde casa. Contava com inimigos mortais que lhe cassaram o direito inclusive, de frequentar o Centro de Mamulengo que juntos construímos no antigo Mercado da Farinha com o apoio de Dona Fernanda, então prefeita do município e de Dona Ruth Cardoso a quem tive a honra de levá-la até lá para conhecer a obra. A atual gestão municipal em nada lhe ajudou à semelhança do que ocorre aqui em Olinda com o teatro Mamulengo Só-Riso, assaltado, dilapidado, destituído dos seus equipamentos mais primaciais, sob a indiferença de um prefeito sem o mínimo olhar para cultura. E assim os ventos gradativamente levaram os sonhos deixando apenas a ardência das urtigas.

Nessa pandemia espiritual, o Mestre foi se fechando, perdendo a fé e as forças. No seu silêncio de inventor quis visitar outras quimeras.

Assim nos deixou sem volta perdendo o Brasil mais uma estrela na constelação dos seus talentos.

Mestre Zé era um dos mais importantes mestres da tradição do mamulengo. Recebeu pelo Iphan o Prêmio Teatro de Bonecos Popular do Nordeste - Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo. Ganhou também o Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia.

Em 2017, o Estado de Pernambuco lhe concedeu o título de Patrimônio Vivo do Estado.

¹ Diretor fundador do Grupo Mamulengo Só-Riso, do Museu do Mamulengo, pesquisador, autor de livro e de artigos sobre o teatro de bonecos popular. Vive em Olinda (PE). E-mail: so.risos@terra.com.br



Mestre Zé Lopes sob a árvore Mulungu, da qual se extrai madeira para a confecção de bonecos. Foto: Cida Lopes.

A dignidade e o respeito que um Mestre da cepa de Zé Lopes merece exige esta louvação.

Velado na Câmara de Vereadores, por amigos, brincantes e rezadores ali foram entoadas as encomendações, bênçãos, terços, ladainhas e incelências. Como aqui se faz há séculos.

Tudo muito comovente. Agora ele seguirá sua jornada na paz de Deus e nos braços de Nossa Senhora da Glória.

Pela manhã o cortejo varou as ruas até o cemitério, passando em frente ao seu teatro semiconstruído.

Assim fizemos o adeus ao Mestre. Rezemos por sua alma.

Glória do Goitá.

24.08.2020